

Acordos comerciais impulsionam setor agroalimentar da UE

Um novo estudo independente da Comissão Europeia revela que os acordos comerciais têm contribuído para dinamizar as exportações agrícolas da UE e apoiar o emprego no setor agroalimentar e noutras áreas da economia. Os acordos com três países — México, Coreia do Sul e Suíça — foram objeto de um estudo aprofundado. Só estes três mercados permitiram gerar um valor acrescentado de 600 milhões de euros no setor agroalimentar da União Europeia.

Porto de Aveiro vai ter um novo plano estratégico

O Porto de Aveiro vai contar com um novo plano estratégico. A atual versão em vigor conta já com mais de uma década. "Estamos a desenvolver a revisão do documento e as linhas mestras que incidem sobretudo na rentabilização das obras realizadas", de acordo com o presidente da Administração do Porto de Aveiro, Pedro Braga da Cruz. Este responsável, no entanto, admite que o projeto não dispensa alguns trabalhos para possibilitar o aumento da competitividade.



PAULO VAZ
Diretor-Geral da ATP
Coordenador do Programa "Fashion From Portugal"

"Fashion From Portugal": Construção de uma marca coletiva

A construção de uma marca coletiva é algo demorado, penoso e custoso, sujeita a inúmeros percalços e a um contexto que nem sempre ajuda, antes pelo contrário.

Durante décadas, a Indústria Têxtil e Vestuário portuguesa teve de se confrontar com uma percepção pública, no país e no exterior, particularmente negativa, a ponto de a etiqueta "made in Portugal" se apresentar como desvalorizadora do produto, sendo evitada a sua colocação, a maioria das vezes a pedido dos clientes.

A inversão desta situação foi uma lenta, silenciosa e sofrida revolução, que se operou, em simultâneo com a sua reestruturação, a partir do final da última década, estando obviamente ligadas, enquanto causa e consequência, num ciclo virtuoso, ainda hoje em processo, que transformou uma indústria maldita num "case study" global de sucesso.

Hoje, a etiqueta "made in Portugal" confere valor aos produtos em que é colocada, sendo solicitada pelos clientes internacionais como certificação de origem de alta qualidade, inovação, design e garantia de efetiva observância das regras sociais e ambientais, que hoje se consubstanciam nas preocupações gerais de sustentabilidade, crescentemente demonstradas pelos consumidores finais.

Não temos ainda a notoriedade da Itália ou da França, no que se refere às respetivas indústrias de moda, pois não somos líderes de tendências, de gosto e de consumo, nem temos um estilo de vida, capaz de fazer sonhar o mundo e torná-lo desejável para que se imite, nem temos dimensão crítica de mercado, recursos humanos e materiais necessários para produzir e disseminar modelos de negócio vencedores à escala global, como a Espanha ou a Suécia, nem provavelmente nunca teremos nada disso, mas estamos a determinar o nosso lugar neste específico mundo, escapando da maldição da competição pelo preço, criando especialização, e procurando quota equivalente à nossa dimensão económica e à dimensão da nossa ambição.

A fileira têxtil e vestuário portuguesa é reconhecida internacionalmente por produzir com excelência, por dominar a engenharia do produto, algo que só é possível quando se tem um consistente e avançado sistema científico e tecnológico que trabalha diretamente com ela (poucos países têm um CITEVE e um CENTI,

os departamentos de investigação nas universidades com tanto trabalho publicado e em curso), por ser altamente reativa e flexível (possui o "lead-time" mais curto do mundo quando falamos de colocar e entregar uma encomenda: 2 semanas para as malhas, 4 para a teia e trama), por estar concentrada na sua emagadora maioria numa região, numa lógica sinérgica de "cluster" (85% das empresas do sector estão no litoral Norte do país), por Portugal ser um país simultaneamente desenvolvido, seguro, acolhedor, de custo moderado, bem servido por infraestruturas modernas e se achar próximo geográfica e culturalmente dos seus principais clientes (80% das exportações da ITV nacional vão para a Europa e 33% de tudo que vendemos ao exterior vai para Espanha) e, finalmente, por poder contar com políticas públicas que estão convergentes com os seus interesses, apesar das habituais entropias que caracterizam a administração pelo Estado, canalizando recursos, através de fundos comunitários, para o investimento das empresas e outros interfaces de desenvolvimento sectorial, possibilitando, por exemplo, a aplicação de programas de internacionalização, que são modelo e inveja das demais indústrias têxteis de vestuário, um pouco por todo o mundo.

Isto define com clareza o que somos e onde podemos tornar superlativas as vantagens comparativas que possuímos, sem embarcar em fantasias inconsequentes, normalmente consumidoras de muitos recursos e energia, defraudando expectativas, descredibilizando os agentes envolvidos e não produzindo qualquer resultado tangível.

O programa "Fashion From Portugal", que a ATP — Associação Têxtil e Vestuário de Portugal está a implementar em prol de toda a fileira, é a primeira sistematização da construção estratégica e global de uma marca coletiva para o sector, que vai exigir esforço, continuidade e persistência, que vai estar sujeita a muitas incompreensões e críticas, mesmo de onde menos se esperaria, mas que, no final, quando a história poder ser contada, já com a depuração da angústia que o trajeto difícil propiciou, vai valer a pena ter sido realizada, pois concluir-se-á que, sem ela, jamais teríamos futuro para a Indústria e menos ainda aquele que queremos para ela.

Este é daqueles artigos, que, felizmente, pelas melhores razões, será obrigado a revisitar e a reescrever com recorrência que o processo determinar. Assim seja.



**CIÊNCIA
E ECONOMIA**

JACK SOIFER
"Consultor Internacional, autor de COMO SAIR DA CRISE, ONTEM E HOJE NA ECONOMIA, PORTUGAL RURAL e o bilíngue PORTUGAL POS-TROIKAT"

CTT e Goldman-Sachs lesam Portugal?

Há vinte anos fundos especulativos alegadamente decidiram em Frankfurt e N.York ludibriar Portugal, como já o tinham feito com outros países. Deram ao País ratings altos, quando a dívida pública já era alta e elevaram a dívida privada. O Euro e a sua regra implícita "não estorvar os fundos e a banca" agravou artiscados empréstimos para especulação imobiliária, desperdícios e obras faraónicas. As grandes construtoras levaram os lucros para offshore e de lá para outros países, certos da crise que viria.

Argentina, Espanha e outros países ouviram os técnicos, e não os políticos do FMI e do BCE e resistiram à Troika. Os governantes, para depois obterem chorudos tachos no FMI, em instituições mundiais ou nesses fundos, não negociaram, deixaram dilapidar o património dos contribuintes acumulado durante meio-século.

Estranhei o Goldman Sachs adquirir uma vital cota dos CTT. Queriam a autoestima já dada ao Banco Postal, o que jamais obteriam

os atendentes a vender lotarias e produtos inúteis.

A principal função dos CTT, comunicação escrita pessoal, deixou de ser atendida. As tarifas quase duplicaram. Na minha rua, e ouvi por todo o País, a entrega caiu para duas por semana. Quem quiser que a carta chegue em dois dias paga mais. Em 23/2 recebi uma fatura emitida em 10/2 a pagar em 25/2.

Li agora que o Express2Me, novo serviço dos CTT, permite comprar em muitos sites americanos produtos que aqui chegam a uma taxa reduzida. Não diz que assim os CTT ajudam as empresas financiadas por especuladores (Goldman?) a fugir do IVA em Portugal. Muitas delas têm a sede fiscal em Delaware, paraíso fiscal dos EUA. Também não diz se a comissão que os CTT recebe por publicitá-las é declarada cá ou vai para uma offshore.

Os balcões dos CTT não têm a segurança física nem informática suficientes para garantir a integridade dos clientes do banco. Em breve

"Nos países civilizados os CTT são do Estado, mesmo que subcontratem lojas em vez de balcões próprios"

na UE pelos canais normais. O governo decidiu multar CTT. Os 150 mil são nada, comparado aos 30 milhões de lucros previstos em 2017. A venda dos CTT foi uma loucura! Nos países civilizados os CTT são do Estado, mesmo que subcontratem lojas em vez de balcões próprios. A distribuição caiu nos últimos anos, com a vinda da net, mas é vital para manter a coesão num país com concentração habitacional em poucas cidades. As outras atividades os rentabilizam.

Os CTT, à maneira dos fundos especulativos, reteve (retém?) o soldo dos reformados, para aumentar o seu fluxo de caixa. Reduziram o quadro, e as filas duplicaram. Já esperi 23min! Os patos-bravos seguiram as normas da Goldman-Sachs para fazer dos CTT uma máquina de lucro fácil, às custas dos clientes, abusando do poder dominante. Retiraram as cadeiras das lojas, para pôr stands a vender não só livros, mas gadgets que lhes dão lucros. Se pelo menos vendessem livros de autores locais! Instruam

ocorrerá por cá o que ocorreu no Brasil, assaltos aos balcões com o maior índice de pagamentos nalguns dias do mês. Se idosos forem ludibriados, como os lesados do BES, haverá protestos mas, como sempre, o grande especulador estrangeiro levará o lucro e os contribuintes pagarão o rombo. E os fundos ficarão felizes por morrerem reformados e assim reduzir os gastos públicos, já que os bons alunos não têm a coragem de cortar os tachos por eles criados.

As reguladoras, como ANACOM, ERSE, BpP devem, como nos países Norte-Europeus, ter no Conselho representantes dos clientes desses serviços, através de pessoas idóneas dos diferentes distritos. Os regulamentos devem ser aprovados por estes, de propostas vindas das pequenas associações locais, para impedir o forte lóbi que Cavaco Silva denunciou no seu vital panfleto do DN em 17/02/00.

Passaram-se 15 anos! O governo fala, em corrigir erros. É só falar!

ASTROLÁBIO
ORIENTAÇÃO E ESTRATÉGIA, S.A.